

A Belle Époque e seus reflexos no Brasil

Natália Dias de Casado Lima. Licenciada em História e estudante de Mestrado em História pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Resumo: A Belle Époque corresponde ao período entre o fim do século XIX e 1914, quando a Europa passou por um período de paz e conseguiu se desenvolver tecnologicamente. A França permaneceu como capital cultural do continente e Paris passou por grandes reformas que a fizeram ser reconhecida pelo nome de “Ville Lumière” (Cidade Luz), como o alargamento de avenidas e urbanização da cidade, além da construção da Torre Eiffel para a Exposição Universal de 1889. Essas influências francesas se espalharam não só pela Europa, mas pelo mundo e inclusive no Brasil, onde a Belle Époque chega no começo do século XX e se estende até os anos de 1920, marcando a tentativa de entrada na modernidade por determinadas cidades brasileiras, sendo São Paulo, Rio de Janeiro e Brusque algumas delas. Este artigo busca analisar a Belle Époque e seus reflexos em terras brasileiras, dando foco às transformações urbanas e à Moda feminina, elementos constitutivos e reflexos da sociedade da época.

Abstract: The Belle Époque corresponds to the period between the end of the 19th century and 1914, when Europe passed through a period of peace and was able to develop itself technologically. France remained as the continent’s cultural capital and Paris passed through major reformations that made it known by the name of “Ville Lumière” (City of lights), like the widening of avenues and the city urbanization, and also the Eiffel Tower’s construction for the Universal Exposition of 1889. These french influences spread not just in Europe, but through the world and also in Brazil, where the Belle Époque arrives at the beginning of the 20th century and extends itself until the 1920’s, tracing the attempt of certain brazilian cities to enter in the Modernity, being São Paulo, Rio de Janeiro and Brusque some of them. This article seeks to analyse the Belle Époque and its repercussions in brazilian lands, giving focus to the urban transformations and women’s fashion, constitutive elements and reflections of this period’s society.

Palavras chave: Belle Époque; França; Brasil; Moda; Urbanização.

Introdução

A Belle Époque francesa foi um período cheio de transformações econômicas, culturais e políticas e, portanto, este artigo não consegue abranger todos os seus aspectos. Devido a isso, foi dado apenas uma noção do seu contexto geral para que seja possível compreender os seus reflexos no Brasil, podendo ser considerado uma

pequena introdução ao assunto. O principal foco vai para as transformações urbanas e a Moda feminina, elementos constitutivos e reflexos época, mas que também eram essencialmente elitistas.

A Belle Époque

O período da Belle Époque francesa normalmente é colocado entre o fim da segunda metade do século XIX e o começo do século XX, tendo seu auge nos anos de 1900 e terminando em 1914 com a chegada da Primeira Guerra Mundial. Entretanto, Eugen Weber (1988, p.10) difere dessa colocação e põe o início da Belle Époque apenas em 1900. Segundo o autor, esse período anterior a 1904 deveria ser chamado de “fin-de-siècle”, pois foram anos de depressão econômica e moral para a França.

Certamente, a Belle Époque não foi heterogênea e poderia até ser vista como uma “montanha-russa de emoções”. De acordo com Philipp Blom (2015, p.27), a chegada do novo século despertava insegurança, e o desenvolvimento de novas tecnologias assustava algumas pessoas ao invés de maravilhá-las. “Era esmagadora a sensação de estar vivendo num mundo em aceleração rápida para o desconhecido” (BLOM, 2015, p.14).

Apesar de Paris não ser mais vista como um exemplo máximo de desenvolvimento e tecnologia e a evolução dos meios de transportes propiciar a movimentação de polos culturais pela Europa, ela continuou sendo considerada por muitos como a capital cultural do mundo. James Laver (2014, p. 220) diz que a época foi definida como “a última diversão das classes altas”. A modernização da cidade, plano grandioso de Napoleão III e o Barão de Haussmann, contou com o alargamento de avenidas, a construção de novos prédios, a demolição de comércios e moradias antigas, a “higienização” com uma rede de água e esgoto e, aos poucos, a cidade enfim se concebeu sob o formato que fez com que ela fosse chamada de “Ville Lumière” – Cidade Luz.

Devido aos apontamentos realizados, este artigo usa o ano de 1871 como marco inicial da Belle Époque, quando França e Alemanha assinam o Tratado de Frankfurt, o que permitiu um período de paz e desenvolvimento na Europa

(MÉRCHER, 2012, p.1). O clima de otimismo e progresso foi se mesclando com as inseguranças e, mesmo que o sentimento geral da Belle Époque francesa não tenha sido heterogêneo, colocar seu início apenas em 1900 é deixar de lado as mudanças que já estavam em curso quase meio século antes.

Provavelmente um dos maiores símbolos do otimismo francês dessa época foi L'Exposition Universelle, onde pavilhões de diversos países mostravam seus motivos de orgulho e progresso - como invenções ou coisas que os caracterizassem como nação -, funcionando como uma espécie de jogo publicitário. Edições anteriores aconteceram em outros lugares, como Chicago, e também na própria Paris. Porém, devido à relevância que tiveram dentro do período tratado, somente as Exposições de 1889 e 1900 são levadas em conta neste artigo.

A Segunda Revolução Industrial teve influência direta na Exposição de 1889 e também marcou o centenário da Revolução francesa, sendo esta celebrada como um legado francês para o mundo. Mas o que é mais lembrado dessa Exposição e que deixou para sempre sua marca na cidade é a Torre Eiffel. “A Exposição Universal de 1889 em Paris lançou um ousado olhar para o futuro, tendo como símbolo a estrutura nua da Torre Eiffel e seu lendário facho de luz” (BLOM, 2015, p.26). A Exposição de 1900 não teve grandes monumentos preservados, mas contou com a novidade do cinema e uma extensa utilização da luz elétrica.

Segundo Rose (2014, p. 13), crescia cada vez mais o espaço da moda nas Exposições Universais – desde Chicago em 1893 a Turim em 1911. Isso inspirou varejistas e consumidores, ajudando a promover as trocas internacionais no campo da moda. Apesar de a confecção industrial ter surgido antes da Alta Costura, esta “[...] monopoliza a inovação, lança a tendência do ano; a confecção e as outras indústrias seguem, inspiram-se nela mais ou menos de perto, com mais ou menos atraso, de qualquer modo a preços incomparáveis [...]” (LIPOVETSKY, 2014, p. 80). As Maisons de Couture (ateliers dos grandes costureiros) movimentaram boa parte do capital francês e, além disso, os Magasins (lojas de departamento mais “populares”) facilitaram a aquisição de roupas já prontas para usar com medidas generalizadas e mais baratas que as feitas por costureiros sob medida, mas o luxo permaneceu como “um valor insubstituível de gosto e de refinamento de classe no coração da Alta Costura” (LIPOVETSKY, 2014, p. 87).

Dentro desse contexto da Belle Époque, o estilo que marcou a época foi o Art Nouveau. Segundo R. F. Pissetti e C. F. Souza (2011, p. 18), o Art Nouveau pode ser definido como:

Um movimento internacional desenvolvido em países da Europa e nos Estados Unidos entre o final da década de 1880 e a Primeira Guerra Mundial, com o objetivo de criar uma arte moderna em resposta ao revivalismo histórico exaltado pela era vitoriana, e eliminar as distinções entre as belas-artes e as artes aplicadas.

Rose (2014, p. 7) afirma que o estilo influenciou a arquitetura e as artes decorativas sendo caracterizado por linhas fluidas, formas naturais, uso de simbolismo, influências exóticas e utilizações inovadoras dos materiais - como o ferro e o vidro. Seria um design precioso, não materiais preciosos, mas que também surgiu como um sinal do luxo elitista parisiense. Ele moldou e foi moldado pela cultura da época e sua influência na moda também é bastante perceptível.

Por volta de 1880 o uso do espartilho e as golas altas dão ao busto feminino uma postura erguida e fazem com que a silhueta feminina adquira o formato de “S”, bem característico dessa época e influência das linhas fluidas do Art Nouveau, além de passar a imagem da mulher fria, dominadora e “independente” – mas ainda inferior ao patriarca. Os grandes chapéus também tiveram sua fase e foram alvo de sátiras à medida que as linhas dos quadris foram se estreitando ao longo dos anos e a mulher parecia tomar a forma de um “triângulo invertido”.

Perto dos anos de 1910 que os traços mais característicos do Art Nouveau de exagero e linhas fluidas foram se alterando com a adoção de linhas mais retas e o abandono do espartilho, simplificando a figura da mulher. Desse modo, o movimento foi se esvaindo aos poucos até dar lugar a o que mais tarde seria chamado de Art Déco e que marca a moda, a arquitetura, os objetos e outros setores nos anos de 1920. Segundo Pizetti e Souza (2011, p. 20), o termo “Art Déco” faz referência à Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes que aconteceu em Paris em 1925. No começo ficou conhecido como “estilo moderno” ou “Paris 1925”, só passando para seu nome definitivo nos anos 60. Para diferenciar do Art Nouveau, Pizetti e Souza afirmam o seguinte (2011, p. 22):

No plano estético, as diferenças entre os dois movimentos revelavam-se bastante evidentes. Enquanto Art Nouveau se embasava em motivos florais na ornamentação de edifícios e objetos, o Art Déco tendia à abstração e, quando recorria à natureza em busca de inspiração, preferia retratar animais e as formas femininas. Enquanto a versão mais tradicional do Art Nouveau era complexa, intrincada e densa, o Art Déco era simples, límpido e ordenado.

Devido à posição cultural da França no mundo, o Art Nouveau e os primeiros traços do Art Déco se espalharam pelo mundo durante a Belle Époque, inclusive no Brasil. Aqui, a Belle Époque tropical demorou alguns anos para se firmar, mas chegou a ultrapassar os anos de 1920 devido ao relativo baixo impacto da Primeira Guerra Mundial em terras brasileiras.

A Belle Époque brasileira

O marco inicial da Belle Époque brasileira pode ser colocado em 1889 com a Proclamação da República, mas apenas com o governo de Campos Sales (1898-1902) e a sua reforma federalista – que deu mais estabilidade política e econômica ao Brasil – que a elite brasileira moderna das principais cidades realmente começou a se formar. Percorrendo o começo do século XX até a Semana de Arte Moderna de 1922, esse período foi marcado pelo recorrente esforço dessas elites de se modernizarem perante o mundo e com inspirações principalmente francesas.

Segundo Milagre Júnior e Fernandes (2013, p. 21), tudo que é sólido na cultura europeia foi se desfazendo entre os séculos XIX e XX, portanto, a modernização seria “esse processo dinâmico, de passagem, que ocorre com a sociedade, gerando um ‘turbilhão’ que seriam processos importantes nesse momento, como: descobertas científicas, industrialização, expansão urbana”, enquanto o Modernismo é “uma visão mais cultural dentro desses processos sociais (...), uma cultura dentro do mundo das ideias” e a Modernidade é algo no meio das duas definições, “nem processo econômico, nem visão cultural, mas a experiência histórica, a mediação entre um e outro”.

Ainda segundo os autores (2013, p.21), o processo de modernização no Brasil – e na América Latina em geral – é “exógeno e delineado por interesses externos, construído sem nenhuma espontaneidade. (...) É um processo conservador, longe de ser um processo libertador como o europeu”. De acordo com Souza (2008, p. 69):

A implantação de um modelo de civilização moderna tropeçava na carência de correspondência com uma identidade existente, em que a nova visão de mundo tentava dar vida a um mundo desejável, porém fora do alcance de boa parte da população brasileira.

Várias das principais cidades do Brasil tentaram se tornar “filiais” de Paris, ou pelo menos copiar maior parte de suas “modas” já que a França estava tão em alta e representava o ápice da Modernidade do início do século XX.

Rio de Janeiro

A Belle Époque carioca provavelmente foi a mais importante e evidente do Brasil devido ao fato de ser a capital federal do país na época e abraçar de todas as mudanças e influências que vinham do processo de modernização da França. Segundo Chataignier (2010, p.82) o crescimento urbano da cidade já vinha desde 1817 com a chegada dos ônibus até o bonde elétrico em 1892 e a nova iluminação da cidade.

Durante muito tempo o Rio teve dificuldades em crescer devido ao seu terreno acidentado e a insalubridade da capital. Segundo Bueno (2010, p. 285), o Rio de Janeiro “continuava uma cidade de ruas sujas e estreitas, vielas tortuosas e epidemias mortíferas” e que “embora tida mundialmente belíssima, era linda apenas vista de um navio”. No governo de Rodrigues Alves como presidente (1902-1906) e Pereira Passos como prefeito da cidade do Rio de Janeiro (1902-1906), diversas reformas urbanas foram realizadas com o objetivo de melhorar, embelezar e higienizar a cidade. Segundo Souza (2008, p.69-70):

O Rio de Janeiro da Belle Époque, a então capital da recém-fundada república brasileira, foi uma das cidades latino-americanas onde a elite dirigente melhor incorporou a urbanização como uma necessidade urgente de uma sociedade que precisava “civilizar-se”. As reformas, que em poucos anos redefiniram funções para as áreas centrais da cidade, criaram condições para um novo ordenamento espacial com o surgimento de novas zonas de elite na parte sul da cidade.

Construiu-se a nova avenida Central (hoje Rio Branco), o que gerou bastante polêmica devido à desapropriação de imóveis, a avenida Beira-Mar e remodelou-se a rua do Ouvidor. Com isso, os cariocas puderam enfim perceber que a cidade se encontrava entre serra e mar e sentiram-se deslumbrados com tanta beleza natural. Nesse meio tempo também houve a Revolta da Vacina, resultado da política “higienizadora” da cidade. De acordo com Souza (2008, p. 70):

Enquanto boa parcela da população precisou recompor sua vida nos subúrbios e morros, espaços onde efervescia a cultura popular, a fina flor carioca, tentando reproduzir o estilo francês, aumentaram intensamente a frequência das ruas do centro da cidade. A nova avenida e suas lojas de artigos importados, seus cafés e restaurantes e principalmente seu charme, trouxeram os ares da Europa para o tropical Rio de Janeiro, o novo boulevard sem dúvida, era o emblema dos novos tempos, palco perfeito para as novas práticas nele encenadas.

Esse momento urbano também influenciou na moda carioca feminina ao, por exemplo, encurtarem levemente as saias e a tornarem menos rodadas devido aos degraus altos dos veículos. Chataignier (2010, p. 94) afirma que “o Rio de Janeiro parecia uma filial de Paris, não apenas na fala, mas nas atitudes de elegância, vestuário e moda. A Rua do Ouvidor, que lembrava um comprido shopping center a céu aberto, era o local onde se encontravam as lojas mais chiques”. A moda brasileira até então era uma mistura do local e do que vinha de fora, mas, com essa forte influência francesa no cotidiano, o que era moda na França virava moda no Brasil. Entretanto, de acordo com Mendes e Carvalho (2015, p. 13) – e um tanto óbvio -, o clima parisiense era bem diferente do carioca, o que fez com que fossem necessárias diversas adaptações de tecidos: “ou se importava de Paris, ou se copiava de Paris, ou se viajava até Paris para comprar artigos de moda” (2015, p. 19).

Afigura da mulher também foi mudando aos poucos não só na França, mas também no Brasil. Nos anos de 1910, o costureiro parisiense Paul Poiret ajudou a acabar com a ditadura do espartilho, mas, apesar da liberdade nas roupas e da mulher já ser senhora de si, ela ainda era “totalmente dependente do marido ou do pai. A mulher carioca passava para a sociedade na qual vivia essa imagem de poder através de seu porte empinado, do luxo de sua casa e dos usos da moda” (CHATAIGNIER, 2010, p. 107).

Com o passar dos anos, o estilo do Art Déco também chega ao Rio de Janeiro ainda durante sua Belle Époque. Há um grande contraste entre as peças mais simples para o cotidiano e as mais sofisticadas para a noite. Esse período enfim termina em 1922 com a Semana de Arte Moderna que, apesar de também ter sido liderada por Tarsila do Amaral, que vestia Poiret, “mostrou haver espaço para uma cultura nacional, na qual se revelavam novos valores calcados na brasilidade autêntica, desamarrada das influências estrangeiras de maneira geral, e que tinha por objetivo criar entre nós o que seria a arte moderna” (CHATAIGNIER, 2010, p. 110).

São Paulo

De acordo com Pereira (2014, p, 3), a capital paulista viveu sua Belle Époque “numa versão mais provinciana, mas não menos glamorosa”. A partir da década de 1870 que as transformações urbanas e socioeconômicas se implementam com mais força. A cidade era uma grande distribuidora de produtos importados e ligava a produção cafeeira com o porto de Santos, além de ter grandes bancos e empregos burocráticos.

Em 1891 construíram a avenida Paulista, que se tornou símbolo da cidade. Ela serviu de residência para os novos grandes barões do café, o comércio e a indústria crescente, pois tais homens finos não poderiam ficar nas mesmas áreas que os mais pobres, sinônimo de doenças, e os desempregados. De acordo com Bueno (2010, p. 292):

Os lucros excedentes do café, a instabilidade dos preços do produto e a abundância de braços europeus oferecida por imigrantes que se recusavam a ir para o campo fizeram com que a criação de indústrias se tornasse opção óbvia para a aplicação de capitais. E assim, além dos suntuosos casarões neoclássicos e art nouveau, a avenida Paulista começou a ser ocupada também por palacetes em estilos “estrangeiros regionais”, como o florentino e o árabe, e por mansões de caráter arquitetônico francamente indefinível.

Segundo Fausto (2009, p. 284), esse mesmo grande influxo de imigrantes que possibilitou um gigantesco salto de crescimento para a capital com artesanato, comércio de rua, pequenas fábricas, entre outros. Ainda segundo o autor (2009, p.

286), São Paulo passa de quinta com mais habitantes no Brasil em 1890 para a segunda no início do século XX, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro.

Um grande exemplo da influência francesa na capital foi a inauguração do Teatro Municipal de São Paulo em 1911, inspirado pela Ópera Garnier de Paris. Braglia (2011, p.23-24) afirma que ele foi feito com a desculpa de que não havia vida social em São Paulo e a noite de sua inauguração foi feita com pompa e glamour, sendo este talvez o primeiro problema de trânsito da cidade.

Outra influência francesa clara foi a da moda feminina. As paulistas normalmente usavam roupas pretas e tinham grande apreço por joias, mas a cidade não tinha joalherias e estas eram trazidas do Rio de Janeiro. Com a chegada da Belle Époque, as paulistanas enfim ganharam lojas à sua altura. Elas tinham um gosto especial por vestidos cheios de frufus mas, a partir dos anos de 1910, adotam com vigor o *tailleur*, bem mais sóbrio e adequado ao clima oscilante de São Paulo (CHATAIGNIER, 2010, p. 95-96). Somado a esse estilo, as paulistas também adotam a saia *entravée*, fina e que limitava o andar a poucos centímetros, mas que as encantou. Curiosamente, essa saia foi feita por Paul Poiret, o mesmo que acabou com a ditadura do espartilho. Em sua autobiografia, Poiret confessa que libertou o busto, mas algemou as pernas (2009, p. 36).

Brusque

O sul do Brasil também recebeu uma grande quantidade de imigrantes europeus a partir da segunda metade do século XX. De acordo com Chataignier (2010, p. 93):

Em Santa Catarina, registra-se a importância da renda, artefato que nem todos associam a essa região. As meninas à noite faziam seus trabalhos nas almofadinhas com os bilros, sentadas em esteiras no chão da cozinha, com a fraca iluminação dos lampiões. Os tricôs, a colonização alemã e os antigos modos de usar fios fizeram dessa região do Sul um grande centro de malhas.

Dentro deste cenário, Brusque, uma das primeiras colônias alemãs de Santa Catarina, recebeu seus primeiros imigrantes a partir de 1860, destacando-se no setor têxtil depois de alguns anos de agricultura e ficando conhecida como “a cidade dos

tecidos” e “berço da fiação catarinense” (FERREIRA e BETTA, 2015, p. 519). Ela é um exemplo de cidade que mostra como determinadas famílias da elite influenciavam a sociedade a sua volta. Destacam-se os nomes Krieger, Bauer e Renaux, vendedores de grande sucesso da região que aproveitaram a abundante mão-de-obra para investirem na indústria têxtil. Enquanto isso, as mulheres dessas famílias percebiam o que era moda do que era trazido da Europa e usavam com ostentação tais peças, “lançando as tendências” da região. Segundo Ferreira e Betta (2015, p. 167), os chapéus eram itens indispensáveis que mudavam de acordo com a ocasião ou estado civil da mulher, mas que indicavam elegância e poder.

Considerações finais

Como pôde ser visto, a moda acompanhou o desenvolvimento urbano e a modernização desse final de século XIX e começo do XX, mostrando novos papéis e representações da mulher numa sociedade em constante mudança. No Brasil, as cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Brusque – apenas para citar alguns exemplos que também incluem a Bahia, Pará, Amazonas, entre outros – buscaram acompanhar as novas tendências vindas da Europa tanto pelas roupas quanto pelas novas construções e projetos de urbanização copiados principalmente de Paris.

Apesar de favorecer uma cultura mais europeia e negar determinados traços de brasilidade que nem sempre iam ao encontro do que as elites buscavam para si – como os tecidos mais quentes no Sudeste – e não ter sido uma época especialmente boa para as camadas mais pobres da sociedade, não há como negar que a Belle Époque brasileira trouxe diversas mudanças boas para a melhor organização das cidades e da vida urbana em seu centro, desenvolvendo a indústria e o comércio.

Referências

BLOM, P. *Os anos vertiginosos: Mudança e cultura no ocidente -1900-1914*. 1.ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

BRAGLIA, N. C. *Paulicéia de ontem: as revistas ilustradas e o viver urbano nas primeiras décadas do século XX*. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em História

Social) – Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2011. Disponível em: < <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12687> >. Acesso em 21 ago. 2017.

BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história: cinco séculos de um país em construção*. São Paulo: Leya, 2010.

CHATAIGNIER, Gilda. *História da Moda no Brasil*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 13 ed., 1 reimpr. São Paulo: Edusp, 2009.

FERREIRA, C. R.; BETTA, E. P. S. Famílias Renaux, Bauer e Krieger: reflexos de moda na Belle Époque Brusquense. In: *Moda Documenta: museu, memória e design 2015*. Anais do Congresso Internacional de Memória, Design e Moda, São Paulo, 2015. São Paulo: MIMo/Estação das Letras e Cores Editora, Ano 2. n 01. v. 01. p. [518-530]. Disponível em: < http://www.modadocumenta.com.br/wp-content/uploads/2016/01/ANAIS-MD2015_portugues.pdf >. Acesso em 22 ago. 2017.

LAVÉ, James. *A roupa e a moda: uma história concisa*. 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 2014.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Edição de bolso. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MENDES, R. A.; CARVALHO, D. A. Os modos de vestir e a influência francesa na Belle Époque carioca. *Iniciação - Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística*. São Paulo, vol. 5, n. 2, nov. 2015. P. 10-21. Disponível em: <http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao/wpcontent/uploads/2015/11/75_IC_VOL-5_2.pdf>. Acesso em 21 ago. 2017.

MÉRCHER, Leonardo. *Belle Époque francesa: a percepção do novo feminino na joalheria Art Nouveau*. VI Simpósio Nacional de História Cultural. Escritas da História: Ver – Sentir – Narrar. Teresina, 2012.

MILAGRE JÚNIOR, S. L.; FERNANDES, T. F. Belle Époque Brasileira: as transformações urbanas no Rio. *Revista História em curso*. Belo Horizonte, v.3, n.3, 1º sem. 2013. P. 19-33. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/historiaemcurso/article/view/5337> >. Acesso em 21 ago. 2017.

PEREIRA, R. M. Cultura e sociabilidade na Belle Époque paulista através de um diário íntimo. *Fênix - Revista de História e estudos culturais*. Uberlândia, vol. 11, n.2, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF34/Artigo_Robson%20Mendonca%20Pereira.pdf >. Acesso em 21 ago. 2017.

PISSETTI, R. F.; SOUZA, C. F. Art Nouveau e Art Déco: confluências. *Revista Imagem*. v.1. n.1. RS, 2011. Disponível em: <http://revistaimagem.fsg.br/_arquivos/artigos/artigo72.pdf >.

POIRET, Paul. *King of Fashion: the autobiography of Paul Poiret*. Londres: V&A Publications, 2009

ROSE, Clare. *Art Nouveau fashion*. Londres: V&A publishings, 2014.

SOUZA, F. Gralha de. *A Belle Époque carioca: imagens da modernidade na obra de Augusto Malta (1900-1920)*. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2008. Disponível em: <http://bdt.d.ibict.br/vufind/Record/UFJF_af6013da318fd989e75226a64f4ac2f9>. Acesso em 21 ago. 2017.

WEBER, Eugen. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das letras, 1988.